

DESTAQUES



CHANTAL AKERMAN

» **A cineasta belga** tem uma retrospectiva integral no DocLisboa, que começa na Cinemateca no dia 22, prolongando-se por novembro. Akerman vai estar na sessão de abertura (21.30), onde apresentará *Saute Ma Ville* e *Je Tu Il Elle*.



NOVAS SECÇÕES

» **Num festival** que a direção quer "de resistência", surgem Cinema de Urgência, com filmes sobre a crise e a situação social e política em Portugal e fora de portas, e Verdes Anos, com obras de estudantes de cinema, vídeo e comunicação.



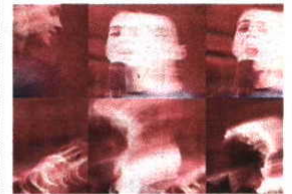
COMPETIÇÕES

» **Continuam** as Competições Nacional e Internacional de "longas" e "curtas" (na foto, o tunisino *Babylon*). Este ano, o Doc vai exibir um total de 68 filmes portugueses em todas as secções, com nove "longas" e oito "curtas" na Competição Nacional.



OUTRAS SECÇÕES

» **Investigações e Riscos** mantém-se, esta última dedicada aos recentemente desaparecidos Chris Marker, Marcel Hanoun e Stephen Dowskin. Entre outros, vai mostrar, em antestreia, *Mekong Hotel*, de Apichatpong Weerasethakul (foto).



HEART BEAT

» **Pela primeira vez**, um filme português abre a secção Heart Beat. É *Visões de Madredeus*, de Edgar Pêra (na foto), em estreia mundial. E há mais filmes nacionais, como *Genesis, Cascais 75*, de João Dias, ou *O Fado da Bia*, de Diogo V. Dias.

Histórias de Macau no DocLisboa

Cinema. 'A Última Vez Que Vi Macau', de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, abre hoje o festival (21.30)

EURICO DE BARROS

Um homem regressa à Macau onde passou parte da infância, para se encontrar com uma amiga que lhe pediu auxílio. Podia ser o início de um policial de série B, mas é o ponto de partida de um filme indefinível, *A Última Vez Que Vi Macau*, de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, que abre hoje a 10.ª edição do DocLisboa (Culturgest, 21.30).

Ficção documental e documentário ficcionado, memória pessoal e memória imaginada, thriller conspiratório e FC apocalíptica com ecos cinéfilos (*Macau*, de Von Sternberg, é o mais forte), *A Última Vez Que Vi Macau* é "tudo isso", confirmam os realizadores. "Quisemos fazer um retrato pessoal e lúdico de Macau — um retrato feito de lugares e de sons. Mas também de emoções que foram estruturadas pela montagem da imagem e do som, criando um território que só existe no cinema. O primeiro desejo foi o de fazer um documentário que tinha como ponto de partida, por um lado, as memórias de infância de João Rui, que viveu em Macau nos anos 70, por outro, o que João Pedro conhecia do território — conhecimento vindo do cinema, da literatura, da pintura, pois nunca lá tinha estado. No fundo, foi um filme que nasceu do confronto de duas ficções: a ficção de infância de João Rui e a ficção imaginária sobre Macau de João Pedro. Começámos por filmar os lugares que faziam parte das memórias de João Rui, mas éramos continuamente desviados daqueles lugares e perdíamos-nos no labirinto da cidade, como se ela nos estivesse a contar histórias que só tínhamos que saber ouvir."

Há duas Macaus no filme. Uma, quase um fantasma do passado; outra, a moderna e turística. "Ma-



O filme percorre também a Macau "que resistiu ao tempo" e que existe por trás da Macau turística dos grandes hotéis e casinos

cau, como muitos outros lugares da Ásia, é uma cidade de contrastes: atrás do prédio mais moderno esconde-se uma velha casa que resistiu ao tempo", dizem os realizadores. "Não queríamos ser nem somos nostálgicos: as cidades, os lugares, têm de mudar, faz parte da evolução natural das coisas, mesmo que nem sempre estejamos de acordo com o rumo tomado. O Macau do nosso filme, embora feito de lugares reais, é fundamentalmente um território do nosso imaginário."

O filme foi rodado "de modo muito diferente dos trabalhos an-

teriores do João Pedro", esclarece João Rui (filmam juntos desde 1997, ano de *Parabéns*, a primeira "curta" daquele). "Só éramos quatro pessoas em Macau: nós, um diretor de som e uma assistente; às vezes, uma tradutora e a antropóloga Filomena Silvano, com quem já tínhamos trabalhado nos documentários *Esta É a Minha Casa* e *Viagem à Expo*. Estivemos seis meses em Macau nos últimos três anos, tendo feito três viagens e filmado 150 horas de material. Sempre que regressávamos a Lisboa visionávamos o material filmado e catalogávamo-lo. Os primeiros me-

ses da montagem foram passados a fazer gigantescas listas e pastas, dividindo o material por lugares, temas, ambientes, etc. Foi a partir desta catalogação que se começou a desenhar a estrutura, o argumento e, por fim, o filme. Só nos planos iniciais, o número musical com a atriz Cindy Scrash, recorremos ao nosso habitual diretor de fotografia Rui Poças e a uma equipa de eletricitas e maquinistas."

Este ano, a dupla acumula no Doc: *A Última Vez Que Vi Macau* está na Competição Internacional, e a "curta" *Manhã de Santo António*, de João Pedro, na Riscos. Quanto à

Ásia, através de Macau, da China e dos emigrantes chineses em Portugal, tem estado cada vez mais presente no cinema do par (*China China*, *Alvorada Vermelha*, a próxima curta de João Pedro, *Hotel Central* e a sua nova "longa", *O Ornitológico*). Este explica porque: "Grande parte do cinema mais interessante que se faz na atualidade vem da Ásia; era natural, até por causa da relação afetiva que o João Rui tem com a Ásia, que mais tarde ou mais cedo nos virássemos para Macau e para a China, à descoberta de novas fronteiras para o cinema que queremos fazer."